

## EAAS Conference (Varsóvia, 21-25 de Março, 1996)

A Conferência Bienal da «European Association for American Studies» decorreu este ano em Varsóvia. O tema escolhido — «American Culture and its Impact — 1946-1996» — permitiu aos cerca de trezentos participantes viva discussão em múltiplas abordagens da Cultura Americana. O programa, intenso e variado — quatro conferências simultâneas, todas as manhãs, seguidas pela realização quase simultânea de cerca de trinta «workshops» — permitia aos participantes uma ampla escolha, mas, naturalmente, impossibilitava-os de assistir a muitas sessões do seu interesse.

A cargo de um ex-ministro dos Negócios Estrangeiros Polaco, Dr. Andrzej Olechowski, a Conferência de Abertura — «Americans in Europe: Polish Perspectives» —, mesmo tratando-se de um texto autobiográfico e cómico-sentimental, não deixou de dar a nota aos trabalhos: discutiu-se, predominantemente, se bem que de perspectivas diferentes, a representação da América — entenda-se: dos Estados Unidos da América — e o seu peso no imaginário europeu, seja ao nível das artes e das letras, seja ao nível da cultura de massas, do (desejo do) consumo da coca-cola e do rock.

Mas a América já não é o que era na adolescência do ex-ministro dos Negócios Estrangeiros polaco, como resulta evidente de uma consulta do programa da Conferência: não uma América, mas várias Américas, não uma representação, mas várias representações. O multiculturalismo veio para ficar, e muitas sessões organizaram-se em torno das vozes das minorias do grande

mosaico americano: duas sobre «native Americans» — cerca de catorze comunicações, sempre com muito público; uma «workshop» sobre a escrita literária sino-americana; três «workshops» sobre o papel e o lugar dos emigrantes na cultura americana.

Numa Conferência muito marcada pelos «Cultural Studies», foram poucas as sessões que abordaram temas literários; mas foi precisamente nessa área que trabalharam as participantes da Universidade de Coimbra presentes. Maria Irene Ramalho de Sousa Santos, numa intervenção que suscitou amplo debate, «Poetic Interruption: Strategies of Form for Freedom in Adrienne Rich», apresentou o seu conceito de interrupção poética. Segundo MIR, a política (ou o real) interrompe o poema, mas precisamente nessa interrupção reside a possibilidade de criação (ou «poeming»), e a inscrição no real do poema que daí resulta. Integra na mesma «workshop», de salientar ainda a comunicação de Antoine Cazé, «Form and Freedom in the Poetry of the L=A=N=G=U=A=G=E Group».

Graça Capinha (Universidade de Coimbra), em colaboração com Ron Callan, (University College, Dublin), foi responsável pela organização de uma outra «workshop» dedicada à poesia, «American Poetry in Europe, 1946-1996», que suscitou muita participação entre os presentes. Nela colaboraram Justin Quinn (Universidade de Carlos, Praga), com uma comunicação sobre a presença da Europa na obra de James Merrill e de Anthony Hecht; Adriana Bebiano (UC), que falou sobre a influência da poética de Wallace Stevens no romancista irlandês John Banville; Nieves Alberola (Universidade de Jaume I), que falou sobre a influên-

cia do abstraccionismo europeu na poesia de John Ashbery; e Stephen Matterson (Trinity College, Universidade de Dublin), com uma comunicação intitulada «Continuities in American and European Poetry», em que mostrou como essas continuidades, presentes nos poetas, são apagadas no discurso crítico americano, que procura a exclusão da Europa e a negação da sua influência.

154

Gostaria ainda de salientar uma das «Dialogue Sessions», «Changing Perceptions of Race — European and American Constructions, 1946 to the Present». Nela entrevistaram David Goldberg (Un. of North Carolina) e Josef Jarab (Univ. Palacky). Enquanto Goldberg centrou a sua intervenção nas representações dos negros americanos como sintomáticas de uma sociedade obcecada pela cor da pele, mesmo entre os grupos mais liberais, foi a intervenção de Josef Jarab que mais estimulou o público e originou aceso debate. Jarab, partindo do relato de um caso real, alertou os europeus, tão habituados a lidar academicamente e à distância com o racismo americano, para o racismo no coração da Europa. O exemplo utilizado para as vítimas deste (nosso) racismo foi o povo cigano. A guerra na ex-Jugoslávia, ali/aqui ao lado, torna imperativa uma reflexão sobre a questão, pedida por diversos participantes para um próximo encontro.

Mais ou menos estimulantes, as discussões não deixaram de ser pacíficas — até à conferência de encerramento. John L. Gaddis, historiador da Guerra Fria, falou sobre «Moral Equivalents and Cold War History». Tendo defendido a necessidade da inclusão da ética na construção do discurso histórico, John Gaddis falou de uma posição de superioridade moral americana, tendo dado como exemplo as disparidades entre o número de violações ocorridas em território alemão ocupado pelos americanos, no fim da 2ª Guerra, e as ocorridas em território ocupado pelos soviéticos. Pretendendo medir moral com a exactidão dos números — o que levou ao extremo da comparação dos números das vítimas de Hitler, Estaline e Mao (por ordem crescente, entenda-se) — a sua intervenção suscitou reacções emocionais por parte do público. Na Europa Central, palco da guerra, e na presença de alguns sobreviventes, falando de uma história ainda a ser escrita, podemos verificar como também os americanistas europeus recusam aos Estados Unidos da América o papel de condutor moral da humanidade que se arrogou.

A próxima Conferência da EAAS será em Lisboa, em 1998.

Adriana Bebiano